



TEATRO NOVO PRODUÇÕES E PROMOÇÕES LTDA.

Rua Carlos Von Koseritz, N.º 930 - Fone: 22-50-94
C.G.C. 87.996.013/0001 - Inscr. Municipal H 3051
Porto Alegre - RS

32-VIA
PS

ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO
PREVIA DO SCDP/SR-DPF

ESTÓRIA DO MUI NOBRE CAVALEIRO

" DOM CHICOTE MULA MANCA "

E

SEU FIEL COMPANHEIRO ZÉ CHUPANÇA

TEATRO INFANTO - JUVENIL DE : OSCAR ROCHA VON PFUEL



PERSONAGENS :

DOM CHICOTE MULA MANCA

ZÉ CHUPANÇA

SECRETÁRIO

REI

TRES BRUXAS

TRES FIANDEIRAS

TOURO

ESPANTALHO

TRES MENDIGOS

VELHO

FILHO DO VELHO

NETO DO VELHO

TRES SOLDADOS

TRES MERCADORES

DOIS GUARDAS

Antecâmara do Palácio do Rei de um país pobre e cheio de dívidas. Dom Chicote espasa seu tado, com suas armas : espada, lança e escudo. Zé Chupança, um garoto, pastor muito vivo para sua pouca idade, entra cauteloso, olhando tudo com curiosidade. Dom Chicote disfarçadamente e senta-se a seu lado.



ZÉ CHUPANÇA - O sr. veio falar com o Rei ?

DOM CHICOTE - Vim. E você também, não é ?

ZÉ CHUPANÇA - Eu vim falar dos meus carneiros.

DOM CHICOTE - Você tem carneiros ?

ZÉ CHUPANÇA - São do meu pai. Eu tomo conta deles no pasto.

DOM CHICOTE - O que aconteceu aos seus carneiros ?

ZÉ CHUPANÇA - Estão sumindo. Um por um.

DOM CHICOTE - Sumindo ?

ZÉ CHUPANÇA - Tem gente roubando eles.

DOM CHICOTE - De verdade ? E você sabe quem é o ladrão ?

ZÉ CHUPANÇA - Não. Por isso é que vim falar com o Rei. Será que ele me recebe ?

DOM CHICOTE - Recebe, sim. Hoje é dia de audiências. Nesse dia o Rei fala com todos que vêm aqui.

ZÉ CHUPANÇA - Sabe, nós criamos carneiros e vendemos a lã. A gente vive disso, nós somos muito pobres.

DOM CHICOTE - Já roubaram muitos ?

ZÉ CHUPANÇA - Quase todos. O meu pai está muito triste. Se sumirem todos, e que é que a gente vai fazer ?

DOM CHICOTE - Não desanime, meu amigo. Tenha confiança, que a verdade, quer dizer, o ladrão, sempre aparece. (Entra o secretário do Rei).

ZÉ CHUPANÇA - (levantando-se) - Bom dia, seu Rei.

SECRETÁRIO - Não sou rei coisa nenhuma. Sou o Secretário de S.M.

ZÉ CHUPANÇA - B om-dia, seu Secretário.

SECRETÁRIO - B om-dia.

ZÉ CHUPANÇA - O Rei está lá dentro ?

SECRETÁRIO - S. M. está em sua sala de audiências. Você quer alguma coisa ?

ZÉ CHUPANÇA - Quero falar com ele, sim sr.

SECRETÁRIO - Como é o seu nome ?

ZÉ CHUPANÇA - Meu nome é José, mas todo mundo me chama de Zé Chupança.

SECRETÁRIO - Zé Chupança ? O que quer dizer isso ?

ZÉ CHUPANÇA - A gente mora numa casa muito velha, onde tem aqueles besourinhos que chupam o sangue da gente. Eu vivo catando eles, por isso o pessoal me chama de Zé Chupança.

SECRETÁRIO - Muito bem, Zé Chupança. O que é que você quer (que sua Majestade faça) com Sua Majestade ?

ZÉ CHUPANÇA - É que estão roubando os carneiros do meu pai.

SECRETÁRIO - Ah, um roubo ! O que é que você quer que Sua Majestade faça ?

ZÉ CHUPANÇA - Mande prender o ladrão.

SECRETÁRIO - E você sabe quem é esse ladrão ?

ZÉ CHUPANÇA - Não sei, não sr.

SECRETÁRIO - E então ?



- ZÊ CHUPANÇA - O Rei pode mandar saber.
- SECRETÁRIO - O Rei não pode se preocupar com coisas pequenas.
- ZÊ CHUPANÇA - Não são pequenas, não. São carneiros grandes, deste tamanho !
- SECRETÁRIO - E você acha que o Rei vai ficar correndo na rua atrás dos seus carneiros ?
- ZÊ CHUPANÇA - Ele pode arrenjar alguém pra procurar.
- SECRETÁRIO - Você deve ir falar com a Polícia, não com o Rei.
- ZÊ CHUPANÇA - Já fui. Mas lá não querem falar comigo. Disseram que sou um garoto chato e impertinente.
- SECRETÁRIO - (à parte) - E parece que p mesmo. (Alto) Bem, vou dar uma chance a você, vou falar com S.M.
- ZÊ CHUPANÇA - Obrigado, seu Secretário.
- (O Secretário entra na Sala do Rei, que está sentado a uma mesa, comendo maçãs.)
- REI - Aquela velhote ainda está aí ?
- SECRETÁRIO - No mesmo lugar, Majestade.
- REI - Qual o nome que ele deu mesmo ?
- SECRETÁRIO - Dom Chicote Mula Manca.
- REI - Que nome engraçado !
- SECRETÁRIO - Agora chegou mais um garoto.
- REI - O que é que ele quer ?
- SECRETÁRIO - Vejo se queixar que seus carneiros estão sendo roubados.
- REI - Hum! Carneiros dão lá. Há falta de lá aqui no meu reino. Negócio complicado ! É melhor dar um jeito de mandar embora esse garoto. Pra bem longe.
- SECRETÁRIO - Muito bem, Majestade. E o velho ?
- REI - Como é esse tal Dom Chicote ?
- SECRETÁRIO - Parece meio biruta.
- REI - Está armado ?
- SECRETÁRIO - Com lança e escudo, além da espada .
- REI - Credo ! Deve ser biruta mesmo. Mando entrar, o olho mole.
- SECRETÁRIO - Sim, Majestade. (Dirige-se a Dom Chicote.) Vamos entrar, nobre cavaleiro Dom Chicote. (Dom Chicote entra na sala de audiências e faz reverência.)
- REI - Pa x e saúde, sr. Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Humilde servo de V. M.
- REI - Pelo que vejo, o sr. anda armado com um varapau.
- DOM CHICOTE - É minha lança, Majestade. Para defender os pobres e oprimidos.
- REI - Defender pobres e oprimidos ? E o que é que o sr. ganha com isso ?
- DOM CHICOTE - Nada, Majestade. Mas é um prazer lutar por eles .
- REI - (a parte) Não vejo nenhum prazer nisso. Já tenho tantos problemas. E se for pensar em pobres e oprimidos... (alto) Bem, sr. Cavaleiro, o que é que deseja de mim ?
- DOM CHICOTE - Vim por meus préstimos à disposição de V. M.
- REI - Muito bem. (baixo ao secretário) : Esse velhote, além de biruta é meio perigoso.
- SECRETÁRIO - (baixo ao Rei) - Cuidado com ele, Majestade !
- REI - (ainda em tom baixo) - Acho melhor você dar qualquer tarefa para ele, bem longe daqui.
- SECRETÁRIO - (ao Rei) - Por que V.M. não manda ele procurar os carneiros do garoto, lá



nos confins do reino ?

REI - Ótima idéia !

DOM CHICOTE - Que disse V. M. ?

REI - Disse que há um ótimo caso para o nobre cavaleiro ajudar a resolver.

DOM CHICOTE - Ficarei feliz em ajudar.

REI - É o caso do garoto que está aí fora, esperando. É caso de roubo, portanto de justiça. Para fazer justiça é preciso primeiro conhecer a verdade. Não é, Dom Chicote ?

DOM CHICOTE - Sim, Real Senhor. A verdade vem primeiro.

REI - E a justiça depois. Verdade e Justiça se completam. Como as duas metades de uma maçã. (Toma uma maçã de cima da mesa e parte em duas metades.)

DOM CHICOTE - Assim é, Majestade.

REI - Aqui estão a Verdade e a Justiça. Achando os carneiros e descobrindo o ladrão, o sr. terá a verdade.

DOM CHICOTE - Isso mesmo, Majestade.

REI - Aí, então eu farei justiça. Esta metade da maçã.

DOM CHICOTE - Perfeito, Real Senhor.

REI - Então é só começar a procurar a verdade. Leve a maçã.

DOM CHICOTE - Começaremos agora mesmo. Aqui nesta cidade.

REI - Não, não, aqui não. Nesta cidade não há ladrões. A minha polícia é muito boa e não deixa. Vá procurar bem longe. Junto com o garoto. Adeus, e boa sorte !

DOM CHICOTE - Obrigado, Majestade. Adeus !

SECRETÁRIO - (puxando D. Chicote pelo braço para a antecâmara) - Vamos, nobre cavaleiro - S. M. achou uma boa tarefa para o sr. Muito importante, por sinal. E você aí, Zé Chupança, seu caso já foi encaminhado pelo Rei.

ZÉ CHUPANÇA - Sim, Senhor...

SECRETÁRIO - Você irá com Dom Chicote. Irão os dois, para bem longe, procurar o ladrão do carneiros.

ZÉ CHUPANÇA - Bem longe ? Mas o nosso pasto é aqui perto mesmo e...

SECRETÁRIO - (interrompendo) - Não, meu jovem. Aqui não há ladrões. Nossos guardas não deixam.

ZÉ CHUPANÇA - Os carneiros desapareceram logo ali mesmo !

SECRETÁRIO - (zangado) Você quer saber mais do que o Rei ?

Zé Chupança - Eu ? Eu, não. Mas eu estava dizendo...

SECRETÁRIO - Você não estava dizendo nada. O Rei já resolveu. E deu até duas metades da maçã para o nobre cavaleiro Dom Chicote. Boa viagem! Adeus !

ZÉ CHUPANÇA - Só que... que... (Secretário sai) - Dom Chicote ! Que negócio é esse de maçã ?

DOM CHICOTE - São estas duas metades.

ZÉ CHUPANÇA - São para a gente comer ?

DOM CHICOTE - Não. Para a gente procurar. É o que disse o Rei.

ZÉ CHUPANÇA - Procurar o que ?

DOM CHICOTE - Esta parte é a Verdade. É o que você procura. (Dá a metade para Zé) E esta é a Justiça. O que eu quero.

ZÉ CHUPANÇA - Para mim ? Prá guardar ?



DOM CHICOTE - Sim. Até achar a Verdade. A outra fica comigo. Até fazer justiça. (Segue a lança e o escudo.) É o que prometo fazer. Por hoje e para sempre. Pela honra de Dom Chicote. E pelas leis da cavalaria !

ZÉ CHUPANÇA - Fozz ! O sr. fala difícil, Dom Chicote !

DOM CHICOTE - Vamos embora, Zé Chupança.

ZÉ CHUPANÇA - Pra onde ?

DOM CHICOTE - Em primeiro lugar, vamos sair deste Palácio.

ZÉ CHUPANÇA - Vamos. (Saem ambos, para uma cena seguinte.)

CENA EM QUE DOM CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA INICIAM A VIAGEM EM BUSCA DOS CARNEIROS E DO LADRÃO.

ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Vamos a pé mesmo ?

DOM CHICOTE - Vamos.

ZÉ CHUPANÇA - O sr. não tem cavalo ?

DOM CHICOTE - Tenho. O meu velho Rossinante. Mas o coitado está manco de uma pata.

ZÉ CHUPANÇA - Não anda mais ?

DOM CHICOTE - Anda mal. Eu montava nele assim mesmo, e os garotos meus amigos me puseram o apelido de Nula Manca. Fiquei sendo Dom Chicote Nula Manca. Eu até achei graça e gostei.

ZÉ CHUPANÇA - E o Rossinante, onde está ?

DOM CHICOTE - No pasto. Tenho pena dele. Já me serviu muito. Agora que descanse o resto de vida.

ZÉ CHUPANÇA - Sabe, Dom Chicote, eu também tenho um cavalo. Tenho até dois.

DOM CHICOTE - Dois ? Então vamos neles.

ZÉ CHUPANÇA - (Rindo)- São de faz de conta, Dom Chicote.

DOM CHICOTE - Como é ?

ZÉ CHUPANÇA - É cavalo de mentira. A gente monta nele assim, e finge que está a cavalo.

DOM CHICOTE - Não são cavalos de verdade ?

ZÉ CHUPANÇA - São só de brincadeira.

DOM CHICOTE - Ah, compreendo ! Mas isso é salherá do que nada. Vamos viajar com eles assim mesmo.

ZÉ CHUPANÇA - (rindo)-, Viajar com cavalinho de mentira ?

DOM CHICOTE - Por que não ? Quando a gente monta a fantasia, suas asas nos levam até os céus.

ZÉ CHUPANÇA - Fozz !

DOM CHICOTE - O meu cavalinho se chamará Ilusão.

ZÉ CHUPANÇA - Ilusão ?

DOM CHICOTE - Um cavalo que não existe.

ZÉ CHUPANÇA - Então o meu, que é menor, será Ilusinho !

DOM CHICOTE - Ilusão e Ilusinho ! Vamos, Zé Chupança ! Peguemos nossos cavalos. Onde estão. Ilusão ? Relincha e acode à voz do teu ago que te chama !

ZÉ CHUPANÇA - Que gosado que vai ser ! Vamos, Dom Chicote !

DOM CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA VIAJAM EM SEUS CAVALINHOS DE CABO DE VASSOURA E ENCONTRA TRÊS BRUXAS E TRÊS FIANDEIRAS.

ZÉ CHUPANÇA - Já estou cansado de, Dom Chicote. Com fome e com sono também.

DOM CHICOTE - J'á fizemos boa caminhada, passamos por várias vilidades, conversamos com muita gente.

ZÉ CHUPANÇA - Nas ninguém sabe nada dos meus carneiros.

DOM CHICOTE



DOM CHICOTE - Apoiemos então dos nossos cavalos para descansar.

ZÉ CHUPANÇA - Vamos, Ilusinho. Fica um pouco para lá. Fica descansando aí bonzinho.

DOM CHICOTE - Aqui é um lugar para dormir um pouco.

ZÉ CHUPANÇA - Para uma boa soneca. (Recostam-se numa parede e se acomodam para dormir.)

ZÉ CHUPANÇA - Podia bem aparecer alguém para dar uma dica pra gente, pra saber dos meus carneiros.

DOM CHICOTE - Durma um pouco. Podem aparecer umas fadas ou bruxas, dessas que sabem tudo, para nos contar toda a estória.

ZÉ CHUPANÇA - (sonolento) - Sim, Dom Chicote.

DOM CHICOTE - Os cavaleiros andantes são guiados pela mão de seres misteriosos. Que protegem e ensinam o caminho. (bocejando)-

ZÉ CHUPANÇA - (lentamente, baixinho) - Sim, Dom Chicote. (adormecendo)-

(A luz amortece no cenário. As figuras das três bruxas aparecem como em sonho, dançando uma dança ritual em torno dos dois adormecidos. Apanham o almo, a lança e o escudo de Dom Chicote e dançam com eles.

DOM CHICOTE - (sonhador) - Ah, são eles ! Os gigantes ! Zé Chupança diz que são pás de colher, mas eu sei que são gigantes. Eu sei. Espere ! Não são gigantes, são bruxas. Bruxas ! (gritando) - BRUXAS ! (As bruxas correm por todos os lados, deixam cair as armas. Zé Chupança acorda assustado enquanto Dom Chicote dá um salto em pé, e as bruxas desaparecem de cena.)

DOM CHICOTE - Bruxas ! São elas !

ZÉ CHUPANÇA - Que foi, Dom Chicote ? Que foi isso ?

DOM CHICOTE - As bruxas ! Elas dançavam em volta de nós.

ZÉ CHUPANÇA - Foi sonho, Dom Chicote !

DOM CHICOTE - Você não viu ?

ZÉ CHUPANÇA - Não.

DOM CHICOTE - Pegaram a lança, o escudo e o almo. Dançaram até com Ilusão e Ilusinho !

ZÉ CHUPANÇA - Eu não vi nada.

DOM CHICOTE - Nem ouviu ? Nem em sonhos ?

ZÉ CHUPANÇA - No sonho ? Ah, eu sonhei que estava comendo um montão de maçãs. Lindas ! Fosse comer a minha metade de maçã ? Matou com fome.

DOM CHICOTE - Ainda não. Só quando encontrarmos os carneiros. Mas vamos procurar comida agora mesmo.

(Montam o cavalo. Entram as três velhas fiandeiras que ficam em rocas e cantam.)

1) Roc, roc, vira a roca

Bota o fuso pra rodar.

Põe no estribo o pé que toca,

Aperta o fio, desfaz a croca,

Quanta lâ que é prá fiar !

2) Roc, roc, vira a roda,

Torce o fio, seguro está.

Fio no pénc fas a roda,

Na puxada se acomoda

Sehdo grande pouco dá.

3) Somos três, aperta o pénc.

O trabalho é bom fazer.

Fassa o fio, segura o o lago.

Para certo no compasso,

Muito pénc vamos ter.

4) Roc, roc, vira a roca

Bota o fuso pra rodar.

Põe no estribo o pé que toca

Aperta o fio, desfaz a croca,

Quanta lâ que é prá fiar !

DOM CHICOTE - (apontando as velhas) - Espere ! Essas três são...

- 1ª FIANDEIRA - Quer alguma coisa, nobre cavaleiro ?
- DOM CHICOTE - Elas só podem ser ...
- 2ª FIANDEIRA - Sabemos ajudar as pessoas... e também...
- DOM CHICOTE - As bruxas !
- 1 3 FIANDEIRA - Que ?
- DOM CHICOTE - Feiticeiras !
- 2ª FIANDEIRA - Que disse o cavaleiro ?
- DOM CHICOTE - Em guarda, bruxas !
- 3ª FIANDEIRA - Que pretenderá o nobre senhor ?
- DOM CHICOTE - Não permitirei a presença de bruxas nãs na minha frente !
- ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Dom Chicote ! Cuidado !
- DOM CHICOTE - Hei de destruir todas as bruxas deste mundo !
- ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Por favor ! São pobres fiandeiras !
- DOM CHICOTE - Varrerei todas elas da face da terra !
- ZÉ CHUPANÇA - Veja que são velhinhas que trabalham com lã, Dom Chicote. Por favor ! Acalme-se Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Vocês vão se haver comigo, velhas feiticeiras !
- ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Em guarda ! Defendam-se ! Ou desapareçam de uma vez !
- 1ª FIANDEIRA - Somos simples fiandeiras !
- 2ª FIANDEIRA - Pobres velhas !
- 3ª FIANDEIRA - Mas quando é preciso, sabemos sortilégios.
- 1ª FIANDEIRA - Conhecemos mágicas.
- 2ª FIANDEIRA - E o segredo das coisas também.
- DOM CHICOTE - Vocês vão virar mil pedacinhos.
- ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Assim farei a todos os gênios do mal.
- 3ª FIANDEIRA - Cuidado, cavaleiro !
- DOM CHICOTE - Por minha fé ! De Dom Chicote Mula Manca !
- 1ª FIANDEIRA - Não avance, meu senhor !
- DOM CHICOTE - Eis, sus ! Ilusão ! Atacar !
- 3ª FIANDEIRA - (com um gesto) - Um escudo, que não pesa nada, pode pesar tanto quanto uma montanha ! (Dom Chicote vai atacar, mas seu escudo começa a pesar muitíssimo. Ele se dobra, acaba arriando o escudo no chão.)
- DOM CHICOTE - Isso é bruxaria ! Pesa como chumbo. (Zé Chupança corre e tenta enguer o escudo, não conseguindo.)
- ZÉ CHUPANÇA - Poxa ! Tá louco ! Parece uma bruta pedra !
- DOM CHICOTE - (furioso) - Vou acabar com você, feiticeiras do mal ! Com esta lança !
- 3ª FIANDEIRA - Um ferro frio como esse pode ficar do repente tão quente que a mão não pode segurar !
- DOM CHICOTE - Ai ! (Larga a lança. Zé corre e apara a arma, mas larga também e grita.)
- ZÉ CHUPANÇA - Ui ! Queimou a minha mão ! Parece bresa. Essa lança está pelando de quente !
- DOM CHICOTE - Só pode ser bruxaria.
- ZÉ CHUPANÇA - Vágor embora, Dom Chicote !



- 3º FIANDEIRA - E também cavalinhos tão mansos podem virar animais selvagens. (Faz um gesto. (D. Chicote e Zé se põem a pular, como se Ilusão e Ilusinho velhaquêssem. Acabam caindo no chão. Zé se ergue logo, mas Dom Chicote permanece sentado, olhando atônito.)
- 2º CHUPANÇA - Pora ! Ilusinho nunca se fez isso ! Nunca vi coisa igual ! Ele sempre foi tão bonzinho. Agora parece cavalo churo de verdade !
- 2º FIANDEIRA - Para você ver, meu garoto, que as coisas nem sempre são o que parecem.
- 3º FIANDEIRA - E você, que parece um pastorzinho de carneiros, pode virar também de repente, um carneirinho.
- 2º CHUPANÇA - (pinoteando e balindo) - Bêêê ! Bêêê ! Bêêêêê !
- 1º FIANDEIRA - Ou um gatinho !
- 2º CHUPANÇA - Miau ! Miau !
- 2º FIANDEIRA - Ou até um boneco de corda ! (Zé anda feito boneco)
- 1º FIANDEIRA - Um bailarino !
- 2º FIANDEIRA - Um equilibrista !
- 3º FIANDEIRA - Um músico !
- 1º FIANDEIRA - Um cantor !
- 2º FIANDEIRA - Um Urso !
- 3º FIANDEIRA - Um pássaro !
- 1º FIANDEIRA - Um leitão !
- 2º FIANDEIRA - Pode virar chuva !
- 3º FIANDEIRA - Cair no fogo !
- 1º FIANDEIRA - Com raios !
- 2º FIANDEIRA - E trovões !
- 3º FIANDEIRA - (gritando) - Não ! Ele é areia ! Somente areia !
- (Zé Chupança que imita tudo o que as Fiandeiras sugerem, numa confusão de música e ruídos, à última ordem, desaba no chão, arfando, com a língua de fora.)
- 2º CHUPANÇA - Que confusão na minha cabeça !
- 1º FIANDEIRA - Aprendeu bem a lição, hein ?
- 2º FIANDEIRA - Ou quer mais um pouco ?
- 2º CHUPANÇA - Não, não, boss velhinhas ! Não quero mais nada, não !
- 1º FIANDEIRA - Não ? Então o que foi que vieram fazer aqui ?
- 2º CHUPANÇA - Nós queríamos... isto é, a gente estava procurando...
- 1º FIANDEIRA - Sim ?
- 2º CHUPANÇA - Quem roubou os meus carneiros. A minha lã.
- 1º FIANDEIRA - Não sabemos de carneiros, nem de lã roubada.
- 2º CHUPANÇA - Boss velhinhas ! Vocês sabem tanta coisa ! Me vieram virar carneiro, gato, boneco, urso, leitão e até areia. Vocês podem me ajudar. Ajudem, sim ?
- 2º FIANDEIRA - Não conhecemos o ladrão, mas se vocês quiserem achar a verdade, devem caminhar por este reino até lá longe, depois das três montanhas e dos três vales.
- 2º CHUPANÇA - Sim, sim !
- 3º FIANDEIRA - Chegando lá, pergunte aos mercadores de lã, que eles podem informar.
- 2º CHUPANÇA - Como fazemos para chegar lá ?
- 1º FIANDEIRA - É preciso atravessar o país dos Centauros. Que deveram todos os que passam pelo deles.



- 2ª ZÉ CHUPANÇA - É como a gente faz para passar ?
- 2ª FIANDSEIRA - É preciso ficar invisível. Invisível para os Centauros.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Como a gente faz isso ?
- 2ª FIANDSEIRA - Usando o chapéu do Gigante. Quem põe esse chapéu na cabeça, fica invisível para os Centauros.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - É como é que a gente a arranja um chapéu do gigante ?
- 1ª FIANDSEIRA - É preciso vencer o Gigante na luta.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Mas ele não é muito grande e muito forte ?
- 2ª FIANDSEIRA - Quem levar no bolso um pouco de pelo do Grande Carneiro Real, vencerá o Gigante na luta.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - É esse pelo, onde é que a gente pega ?
- 2ª FIANDSEIRA - É preciso caminhar dois dias e duas noites, até encontrar o Grande Carneiro Real.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Dois dias e duas noites ? Estamos quase mortos de tanta fome !
- 1ª FIANDSEIRA - O elmo daquele cavaleiro ali parece vazio, mas está cheio de pão. Veja ! Pode ficar com ele.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - (pegando o elmo) - Oh ! É mesmo ! Está cheio de pão ! Obrigado, boas fiandagens ! Muito obrigado !
- 2ª FIANDSEIRA - Nas cuidado ! Cuidado com o Carneiro Real, com o Gigante e com os Centauros !
- 3ª FIANDSEIRA - São muito ferozes !
- 3ª FIANDSEIRAS - (juntas) - AMÉM ! (Saco cantando sua canção) -
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Dom Chicote ! Pegue um pão - Dom Chicote ! (Ajuda D. Chicote a erguer-se) Vamos indo embora, D. Chicote. Vamos comendo o pão - O sr. será dita naquelas velhas ? Eu nunca ouvi falar em Carneiro Real, nunca vi Gigante e também nunca vi Centauro. O que a gente pode fazer é ir andando. Para aquele lado que eles disseram. (Saco)
- CENA EM QUE D. CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA RECUPERAM UM TOURO, O QUAL D. CHICOTE TOMA PELO GRÃO DO CARNEIRO REAL.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Cuidado, Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - O que ?
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Aquela touro !
- DOM CHICOTE - Ah, Zé Chupança ! Afinal achamos ! Aquela é o Carneiro Real que nós procuramos.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Não é carneiro. É um touro, e parece muito bravo.
- DOM CHICOTE - É o Carneiro Real. Ele está apenas curioso a nosso respeito. Então nos viu, quer saber quem é nos.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Acho que não, Dom Chicote. Tome cuidado. O bicho está furioso.
- DOM CHICOTE - Curioso ou furioso, essa é a ~~mesma~~ dúvida.
- 2ª ZÉ CHUPANÇA - Vamos embora daqui, D. Chicote. Ele não está com boa cara, não.
- DOM CHICOTE - Vamos ver, meu jovem amigo. Vamos tirar as dívidas do nobre animal. (Aproxima-se invisível do nobre animal. Este após tocar um pouco e esfregar os cascos no chão, parte para cima de D. Chicote. Este se embaralha na lança e escudo, cai. Zé Chupança tenta freneticamente salvar D. Chicote do touro. Há correria de um lado a outro. Quando D. Chicote se vê acurado a um canto, sem lança e sem escudo, abre o peito ao desafio.)
- DOM CHICOTE - Vamos, sobre Carneiro Real. Você venceu a luta. Pode agora lançar por terra este cavaleiro andando, que não teme a morte.



DO CHUPANÇA - (que se distraem sobre os dois animais) - Mas vocês não falam com ele assim ? Ele é um touro, não é um carneiro !

DON CHICOTE - Vagos, meu valente Capricórnio ! Termine a sua obra !

ZÉ CHUPANÇA - Don Chicote já ele está zangado, não chame ele de carneiro, ele não gosta !

DON CHICOTE - Vagos ! Vagos ! É a hora !

ZÉ CHUPANÇA - Touro ! Meu querido tourinho !

DON CHICOTE - Agora é avançar !

ZÉ CHUPANÇA - Touro ! Amigo touro ! Não faça caso dele.

DON CHICOTE - Vamos, vamos !

ZÉ CHUPANÇA - Você é um touro forte e valente. Não dê chifrada em D. Chicote.

(As pontas o touro vai prestando atenção ao que diz Zé Chupança.)

ZÉ CHUPANÇA - Ele perdeu a lança e o escudo. E você tem a sua força, os seus dois chifres e toda a sua valentia. (O touro assume posição menos agressiva)

DON CHICOTE - Então, Carneiro Real, está perdendo a energia ? (O touro hesita, quer zangar-se)

ZÉ CHUPANÇA - Veja, amigo Touro. Ele não pode com você. Já está caído no chão. Você venceu. Venha conversar um pouco comigo.

DON CHICOTE - Vamos, carneiro molenga ! (O touro bufa de novo)

ZÉ CHUPANÇA - (baixinho ao touro) - Tourinho ! Tourinho amigo ! Veja como o meu amigo exerce mal. Pensa que você é um carneiro. Logo você, que é um touro nobre e valente. (O touro enche o peito, orgulhoso.) É difícil achar um animal mais lindo que você. Um touro de verdade ! (O touro amolece, satisfeito)

DON CHICOTE - (furioso) - O que está acontecendo com você ? que diabo de moleza é essa ?

ZÉ CHUPANÇA - (ainda baixinho) - Não ligue pra ele. Touro valente. Vamos só conversar.

(O touro se apoia no traseiro, sentando. Zé Chupança se aproxima, cauteloso, e acaba passando a mão pela testa do touro. Neste momento a cabeça, Zé foge, nas voltas, resabiado.)

ZÉ CHUPANÇA - Tenha calma, tourinho. Somos amigos.

DON CHICOTE - (aborrecido) - Este Carneiro Real não passa de um bacaua !

ZÉ CHUPANÇA - (acalando o touro que reage com bufos) - Calma ! Calma !

DON CHICOTE - Kareos que a luta não vai continuar.

ZÉ CHUPANÇA - Melhor assim. Ufa !

DON CHICOTE - Melhor não. Uma luta entre dois corajosos lutadores só termina com a morte.

ZÉ CHUPANÇA - Sagueça (uso, Don Chicote. Vamos tourinho valente, já somos amigos, não é ?)

DON CHICOTE - (baixo a Zé Chupança) - Em todo caso, agora é a hora.

ZÉ CHUPANÇA - Hora de que ?

DON CHICOTE - (como antes) - De arrancar os chumago do pelo do Carneiro Real.

ZÉ CHUPANÇA - Oze, Don Chicote, ele é um touro.

DON CHICOTE - Psiu, fale baixo, senão ele desconfia.

ZÉ CHUPANÇA - Ele tem chifre pontudo, virado para cima. Carneiro tem chifre arredado, e é peludo.

DON CHICOTE - (sem prestar atenção) - Acho que o rabo é melhor.

ZÉ CHUPANÇA - Melhor pra quê ?

DON CHICOTE - Psiu ! Pra arrancar o pelo.

ZÉ CHUPANÇA - (aborrecido) - Ah !

DON CHICOTE - Vagos distrair o bicho. E aí eu arranco o pelo.

ZÉ CHUPANÇA - Tá bom, Don Chicote. Tá bom. Mas ele não vai gostar não.

(Põe-se a gular e a dançar para distrair o touro.)



DON CHICOTE - (cantando) - Nesta terra nós buscamos/um carneiro bem real

ZÉ CHUPANÇA - (cantando) - E até agora só achamos
Neste touro sem igual.

DON CHICOTE - Não crenece na pelo nobre
Com o brilho e a cor do ouro.

ZÉ CHUPANÇA - Mas o tel que o pelo cobre
Quando se chifre e ruge - é touro!

DON CHICOTE - De carneiro valoroso.
A magia vamos ter.

ZÉ CHUPANÇA - Mas o touro está furioso
E chifrada pode haver.

DON CHICOTE - Com valor e alma pura
Dai nos fados o capricho.

ZÉ CHUPANÇA - Não é fácil nesta altura
Tirar pelos do rabicho.

DON CHICOTE - Se o carneiro fosse mesmo
Fácil coisa eu faria.

ZÉ CHUPANÇA - Ruge e corre sem descanso!
De coragem não temia!

DON CHICOTE - Chega perto por detrás.
Junto à ponta do chunço.
Vejam só como é que eu faço,
Pego forte assim - e mas!

Don Chicote arranca de um golpe alguns pelos do rabo do touro, que solta um rugido. Há grande confusão quando Don Chicote e Zé Chupança procuram jogar longe, escudo a demais coisas, e escapar das investidas furiosas do touro.

CENA EM QUE DON CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA ENCONTRAM UM FUMAR GUARDADO POR UM ESPANTALHO.

~~XXXXXXXXXX~~

DON CHICOTE - E agora, Zé Chupança! Vamos ao encontro dele. Sê, Ilusão! É hora do combate.

ZÉ CHUPANÇA - Que foi, Don Chicote?

DON CHICOTE - Vamos ao combate com o Gigante.

ZÉ CHUPANÇA - Onde está ele?

DON CHICOTE - Lá mesmo, parado.

ZÉ CHUPANÇA - Ali? Aquilo é um espantalho.

DON CHICOTE - Não se aluda. Os gigantes tomam formas estranhas. E estes uns com braços, feitos pés de molinhas de vento. E há até gigantes do tipo tatinhinho, porque eles podem tudo.

ZÉ CHUPANÇA - Mas aquele é um espantalho mesmo.

DON CHICOTE - Um gigante com forma de espantalho. Por que não?

ZÉ CHUPANÇA - Aquela espantalho é de verdade, Don Chicote.

DON CHICOTE - É um gigante de verdade, que virou espantalho para nos enganar. Sê, Ilusão!
Vamos!

ZÉ CHUPANÇA - Não, não, Don Chicote deixa o espantalho.



DOM CHICOTE - Ao combate !

ZÉ CHUPANÇA - Pare, pare, Dom Chicote ! Não ataque o pobre espantalhinho !

(Dom Chicote corre em círculos, tomando posição de combate. O Espantalho, que cochilava, acorda com o barulho e olha inquieto.)

DOM CHICOTE - Atenção ! Em guarda !

ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Dom Chicote !

ESPANTALHO - Que será que está acontecendo ?

DOM CHICOTE - Em guarda, Gigante ! Prepare-se para a luta !

ESPANTALHO - Gigante ? Onde está o Gigante ? (Olha em volta) Será que alguém viu algum Gigante ?

DOM CHICOTE - Ria, Ilusão ! Firme nas patas ! Vamos atacar o Gigante !

ZÉ CHUPANÇA - Não faça isso Dom Chicote. Pare, pare !

ESPANTALHO - Não vejo gigante nenhum !

ZÉ CHUPANÇA - (ao espantalho) - Espantalho ! Espantalho ! Cuidado que você vai ser atacado !

ESPANTALHO - Eu ?

ZÉ CHUPANÇA - Você, sim.

ESPANTALHO - Quem vai me atacar ? Não tenho inimigos .

ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote vai atacar você. Aquele ali.

DOM CHICOTE - Vamos, Gigante !

ESPANTALHO - Aquele velhote num cavalinho ?

ZÉ CHUPANÇA - Ele pensa que você é um gigante.

ESPANTALHO - Mas eu não sou gigante. E não fiz nada pra ele.

DOM CHICOTE - Em guarda !

ESPANTALHO - Que devo fazer ? Santo Deus !

ZÉ CHUPANÇA - Trate de ir fugindo. Ei, Dom Chicote ! O Espantalho não quer lutar.

DOM CHICOTE - É um fingido. Quer me pegar de surpresa.

ESPANTALHO - Não, não. Não quero pegar ninguém.

DOM CHICOTE - Você não me engana, Gigante cruel e hipócrita !

ESPANTALHO - Não quero lutar ! Não quero, não quero.

ZÉ CHUPANÇA - Vá embora, Dom Chicote. Vamos deixar o Espantalho sossegado.

DOM CHICOTE - Nessa tarefa é derrotar o Gigante. E tomar o chapéu dele. Gigante disfarçado ! Lute com valor.

ESPANTALHO - Eu não sei lutar.

DOM CHICOTE - Mentira ! Mentira de gigante fingido ! Vamos, Ilusão ! Ao ataque !

ZÉ CHUPANÇA - Fuja, Espantalho, fuja !

ESPANTALHO - Minhas pernas são duras.

ZÉ CHUPANÇA - Corra !

ESPANTALHO - Não sei correr depressa. Não sei !

ZÉ CHUPANÇA - Dê um jeito ! Dom Chicote vem mesmo ! (D.Chicote põe a lança em riste e investe.)

DOM CHICOTE - Atenção ! Preparar ! Larga !

ESPANTALHO - Socorro ! Manhôsêêêê ! (Corre desajeitado)

(Dom Chicote investe firme. O Espantalho vai fugir, não pode, Zé Chupança dá-lhe um puxão pelo braço e desvia-o da lança, que vem a galope. Dom Chicote vira no extremo da cena e investe de novo.)

ZÉ CHUPANÇA - Lá vem ele de novo !

ESPANTALHO - Socorro ! (Cai de joelhos e junta as mãos. D.Chicote se detém e baixa a lança)

DOM CHICOTE - Que é isso ? Um gigante de joelhos ? Como posso tomar o chapéu de um gigante assim ?

ESPANTALHO - Se é pelo chapéu... não se acanhe... aqui está ele. (estende-o a D.Chicote)

ZÉ CHUPANÇA - Está vendo, Dom Chicote ? ele está dando o chapéu .

DOM CHICOTE - Não. Não pode ser assim.

ESPANTALHO - Não ?

DOM CHICOTE - Assim, não. Uma vitória sem luta ? Acha que eu, Dom Chicote Mula Menca, aceitarei uma vitória sem luta ?

ESPANTALHO - Mas houve luta. Nós brigamos um pouquinho, não foi ?

DOM CHICOTE - Não.

ESPANTALHO - Houve uma briguinha assim ? Pequeninha?

DOM CHICOTE - Vitória sem luta é indigna de um cavaleiro como eu. Tem de haver luta.

ESPANTALHO - Então fica para amanhã, né? (aparte) Não sei pra que ele quer o meu chapéu, todo estragado da chuva. (alto) Bem, até logo. Vou espantar meus passarinhos.

DOM CHICOTE - Alto lá ! Isso não fica assim. Vamos lutar agora mesmo.

ESPANTALHO - (choroso) - Outra vez !

DOM CHICOTE - Sim. O código da cavalaria exige luta.

ESPANTALHO - Eu não sei nada de cavalaria. Nunca andei a cavalo na vida.

DOM CHICOTE - Mas hoje vai andar. Zé Chupanga, empreste o Ilusinho para ele.

ZÉ CHUPANÇA - Tá bom. Vai montando nisso aqui, Espantalho.

ESPANTALHO - Eu não sei lidar com essas coisas.

DOM CHICOTE - Apesar de você ser um gigante trapaceiro e fingido, vou te dar uma chance: Você vai lutar com a minha lança e eu com a espada. (Põe a lança na mão do Espantalho, puxa a espada e vai para uma extremidade).

ZÉ CHUPANÇA - Venha cá para este lado, Espantalho.

ESPANTALHO - O que é que eu faço com este espeto comprido ? Eu não sei fingir de gigante.

ZÉ CHUPANÇA - Agora não tem mais remédio. Você precisa lutar mesmo, senão Dom Chicote não te larga mais. (Vai arrumando e preparando o Espantalho) Pegue a lança assim, peito pra frente, queixo esticado, faça uma cara de raiva.

ESPANTALHO - Raiva ? Eu não tenho raiva de ninguém. Nem dos passarinhos. Por causa disso quase já perdi o emprego de Espantalho.

ZÉ CHUPANÇA - Faça uma forcinha. Senão já sabe...

DOM CHICOTE - Tudo pronto ? Vamos começar a luta.

ZÉ CHUPANÇA - (Imitando som de fanfarras e voz de arauto.) Príncipes, princesas, cavaleiros e damas desta corte ! Nesta lige combaterão de um lado o ilustre cavaleiro Dom Chicote Mula Menca, e de outro o valente cavaleiro Espantalho dos Campos ! Vamos a contagem : dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, tres, dois, um, ZERO !

Dom Chicote galopa contra o Espantalho, este avança um pouco e foge de lado quando o outro passa. Volta-se, Dom Chicote investe de novo, o Espantalho se abaixa e D.Chicote passa Nova carga, a lança escapa da mão do Espantalho, e D.Chicote dá-lhe um golpe com a espada.

DOM CHICOTE - Touché !

ESPANTALHO - Me pegou !

ZÉ CHUPANÇA - (correndo) - Espantalho ? Você é se machucou ?

ESPANTALHO - (exibindo um rasgão na roupa, por onde sai palha) - Rasgou a minha roupa !

ZÉ CHUPANÇA - Gostado ! Na vez de sangue, sai capim.

ESPANTALHO - Eu sou todo de capim, você não sabia ?

DOM CHICOTE - (aproximando-se) - Deixar-se vencido, Gigante ?

ESPANTALHO - Claro, claro. Estou pra lá de vencido.

ZÉ CHUPANÇA - Depois é só botar o capim pra dentro e costurar a roupa.

DOM CHICOTE - A luta foi leal. Tenho o direito ao prêmio.

ESPANTALHO - Prêmio ? Que prêmio ?

ZÉ CHUPANÇA - O seu chapéu, é claro.

ESPANTALHO - Ah, tá bom. (Dá o chapéu a Dom Chicote.)

ZÉ CHUPANÇA - Vamos aproveitar e espreitar esse capim pra dentro. (Ajeita a roupa do Espantalho)

ESPANTALHO - O rasgão depois eu costuro.

DOM CHICOTE - Agora descansemos do combate. Deveríamos ter agora um banquete.

ZÉ CHUPANÇA - Já estou com fome outra vez.

ESPANTALHO - Banquete não tem, mas tenho aqui umas ^{frutinhas} frutas de meu pomar. (Corre e traz frutas)

ZÉ CHUPANÇA - Ops !

DOM CHICOTE - Estão muito bonitas !

ESPANTALHO - Podem comer o que quiserem. E levar também.

ZÉ CHUPANÇA - Obrigado, Espantalho. Você é legal. (Mache os bolsos de frutas.) O melhor espantalho do mundo.

DOM CHICOTE - Este gigante disfarçado até que não é má pessoa. Tomara que o chapéu dele seja bom.

ZÉ CHUPANÇA - Tomara mesmo. (aparte) - Porque ele não tem nada de gigante.

DOM CHICOTE - São frutas deliciosas !

ZÉ CHUPANÇA - Ah, ia me esquecendo ! (Faz um papel, dobra e enfia na cabeça do Espantalho)

ESPANTALHO - O que é isso ?

ZÉ CHUPANÇA - Um chapéu. De papel. Fica bem pra você. Parece um soldadinho. (Canta) :

- Marcha soldado !
Cabeça de Papel !
Que não marchar direito
Vai preso pro quartel.

(O espantalho começa a marchar, desengonçado, e vai se afastando, acenando para Dom Chicote e Zé Chupança.)

ESPANTALHO - Adeus !

ZÉ CHUPANÇA - Adeus !

ESPANTALHO - Com este chapéu de papel, só espero que não chova. Senão... (vai)

CENA EM QUE ~~ESPANTALHO~~ ZÉ CHUPANÇA CORRE NA PRAIEIRA E RECUPERA TRÊS KRIDIGOS : ZEFERINO, VALDEVYNO E BERLINDO ;

ZEFERINO - Menino ! O que é que você está fazendo aqui ?

ZÉ CHUPANÇA - Estou procurando ...

VALDEVYNO - O que ?

ZÉ CHUPANÇA - É que... está precisando de uma Centauros.



- HELARMINO - De uns centavos ? Nós também .
- ZÉ CHUPANÇA - Centavos, não. Centauros.
- ZEPERINO - Ah, centauros !
- ZÉ CHUPANÇA - É.
- VALDEVINO - Zeperino, você sabe o que é Centauro ?
- ZEPERINO - Não, não. Você sabe, Belarmino ?
- HELARMINO - Não, não !
- ZÉ CHUPANÇA - É um homem que é meio cavalo.
- HELARMINO - Como é isso ?
- ZÉ CHUPANÇA - Ou um cavalo que é meio homem.
- ZEPERINO - Explique lá esse negócio.
- HELARMINO - Que enbrulhada, não ?
- ZÉ CHUPANÇA - É um cavalo, com corc e tudo. Só que no lugar do pescoço é homem.
- HELARMINO - Não entendi nada.
- VALDEVINO - Não eu.
- ZEPERINO - Eu também não. Explique essa confusão... Como é seu nome ?
- ZÉ CHUPANÇA - Zé Chupança.
- ZEPERINO - Então vá lá, Zé Chupança.
- ZÉ CHUPANÇA - É um cavalo em tudo, até o pescoço. Daí pra cima, é gente.
- HELARMINO - Nunca vi esse bicho.
- VALDEVINO - Não é bicho, Belarmino. É gente.
- ZEPERINO - Se é gente, como é que tem corpo de cavalo ?
- VALDEVINO - Não pode ser cavalo porque tem cara de gente. E se tem cara de gente, fala, não é ?
- ZÉ CHUPANÇA - É. Logo que fala.
- VALDEVINO - Tá vendo ? Se fala, não é bicho.
- ZÉ CHUPANÇA - É uma mistura de bicho e gente.
- VALDEVINO - Já sei. É como lobisomen. Meio lobo, meio homem.
- ZÉ CHUPANÇA - Isso.
- HELARMINO - Du como chocolate. Meio choco, meio leite.
- ZEPERINO - (espantando Belarmino) - Não diga bobagem, Belarmino.
- HELARMINO - Tá . Não está certo então ?
- VALDEVINO - Sim, Zé Chupança. Esse centauro existe mesmo ?
- ZÉ CHUPANÇA - Olhe, acho que no duro mesmo, não existe.
- ZEPERINO - Então ? Por que você precisa deles ?
- ZÉ CHUPANÇA - Por causa do Dom Chicote.
- HELARMINO - Quem é Dom Chicote ?
- ZÉ CHUPANÇA - Um velho, que é amigo meu. Ele é meio... meio diferente. Acredita nessas coisas meio malucosa. Nós estamos procurando quem roubou os carneiros de meu pai.
- OS DOIS MENDEIROS - Não somos nós.
- ZÉ CHUPANÇA - Eu sei. Os carneiros não estão aqui. Se estivessem, eles se conheceriam e começariam a balir ba... ali.
- ZEPERINO - E daí ?

- ZÉ CHUPANÇA - A gente devia passar pelo país dos Centauros. E eu não acho nenhuma.
- BELARMINO - O que é que você quer que a gente faça ?
- ZÉ CHUPANÇA - Se vocês fingissem de Centauros... Será que vocês poderiam ?
- ZEFERINO - O que ? Eu não tenho jeito de Centauro .
- VALDEVINO - Nem eu tenho perna de cavalo.
- BELARMINO - E nem eu tenho rabo e quatro patas.
- ZÉ CHUPANÇA - Mas é fácil fingir. Se vocês me ajudarem, dou estas frutas todas pra vocês.
- BELARMINO - Oba !
- ZEFERINO - Aceitamos.
- VALDEVINO - E as frutas, não é, Zeferino ?
- ZEFERINO - Ótimas !
- BELARMINO - E estamos com muita fome.
- ZÉ CHUPANÇA - Então está tudo arranjado.
- ZEFERINO - Que devemos fazer ?
- ZÉ CHUPANÇA - Vamos arranjear umas roupas, umas fantasias de Centauros pra vocês. Depois, Dom Chicote e eu chegamos. Um de nós vem de chapéu.
- VALDEVINO - Pra que chapéu.
- ZÉ CHUPANÇA - Pra ficar invisível.
- ZEFERINO - Como é isso ?
- ZÉ CHUPANÇA - É assim. A gente vai se apertando ali escondido, e eu vou explicar tudo. Mas vamos logo, porque D. Chicote vem vindo aí... Puiu ! Já está chegando.
(Saez, enquanto entra D. Chicote.)
- DOM CHICOTE - Onde terá ido Zé Chupança ? Vejo correndo na frente, dizendo que ia ver qual o melhor lugar para atravessarmos pelo meio dos Centauros. Aqui deve ser o país deles. Dizeem que são ferozes. Atacam a gente, e matam todos que vêm. Mas eu, D. Chicote Nula Mapa, não tenho medo de ninguém. Nem de Centauros. Onde está esse garoto ? Zé Chupança ! Zé Chupança !
- ZÉ CHUPANÇA - (aparecendo) - Estou aqui, Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Ainda bem. Erramos o caminho ?
- ZÉ CHUPANÇA - Não. Aqui é o país dos Centauros mesmo.
- DOM CHICOTE - Como é que você sabe ?
- ZÉ CHUPANÇA - Eu vi alguns. Eram hexaxosos, meio cavalo, meio gente. Cara de mau.
- DOM CHICOTE - E não te atacaram ?
- ZÉ CHUPANÇA - Bem me viram, eu me escondi.
- DOM CHICOTE - E você já sabe por onde devemos ir ?
- ZÉ CHUPANÇA - Para aquele lado.
- DOM CHICOTE - Quando aparecerem os Centauros, você põe o chapéu e passa. Depois você joga ele para mim.
- ZÉ CHUPANÇA - Está bem. Eu passo, joga o chapéu e fico escondido.
- DOM CHICOTE - Justamente.
- ZÉ CHUPANÇA - De lá eu dou um assobio... Spa, estou ouvindo barulho de cascos !
- DOM CHICOTE - Então são eles. Vamos nos esconder.
- ZÉ CHUPANÇA - Depressa ! (Escondem-se à esquerda, pela direita entram os três Centauros)
- DOM CHICOTE - (baixo) - São três ! Como são feios !



ZÉ CHUPANÇA - São seroses também.

DOM CHICOTE - Pararam. Vamos passar, então. (Põe o Chapéu em Zé) Assim. Pode ir.

ZÉ CHUPANÇA - Não grande pra mim.

DOM CHICOTE - Não fale alto. Vá agora. É cuidado! Qualquer coisa, grite que eu souo na hora. Avengo e meto a lança neles.

ZÉ CHUPANÇA - Tá bom. Até logo.

(Zé Chupança passa inicialmente com fingida cautela, depois começa a fazer micagens e trevesenças em torno dos "centauros", puxando o rato de um e dando tapas em outro. Depois chega ao outro lado e assobia.)

DOM CHICOTE : Muito bem. (Apanha o chapéu e põe na cabeça) Lá vou eu. (Vai andando na ponta dos pés. Os três olham sem ver. De repente Dom Chicote para e funga.)

ZÉ CHUPANÇA - Que foi Dom Chicote? (D. Chicote funga de novo) - Que aconteceu?

DOM CHICOTE - Vou... vou... espirrar! A... a... stahm!

ZEPERINO - Você ouviu um espirro, Valdevino?

VALDEVINO - Ouvio. E você, Belarmino?

BELARMINO - Eu também ouvi.

DOM CHICOTE - (com força) - ATCHIM!

ZÉ CHUPANÇA - Saúde! (O chapéu cai da cabeça de D. Chicote, que, à consciência do perigo, desce e viscoso e fica imóvel.)

ZEPERINO - Espirravem outra vez.

VALDEVINO - (apontando D. Chicote) - Estou vendo um negócio ali.

BELARMINO - Parece um monte de ferro.

VALDEVINO - Que será?

ZEPERINO - Já sei. É uma tal de arcaadura.

BELARMINO - É esse negócio para em pé assim sozinho?

VALDEVINO - Não está vendo que para?

ZEPERINO - Pode ter gente dentro.

BELARMINO - Dentro dessa lata?

ZEPERINO - É.

BELARMINO - Bobagem.

ZEPERINO - Tem gente que gosta de ficar dentro desse negócio ali.

BELARMINO - Para que?

ZEPERINO - Pra brigar com os outros.

VALDEVINO - Como é que a gente sabe se tem alguém lá dentro?

ZEPERINO - Ah, nel como é. (Bate com o nó dos dedos no elzo de D. Chicote. O nó é cavo. Toma a bater.) Tem gente ali? Ó de casa! (bate ainda) - Tá vazio.

BELARMINO - E se tivesse alguém?

VALDEVINO - A gente assava o ouvido.

BELARMINO - Com esse ferro todo?

VALDEVINO - De arcaadura a tudo.

BELARMINO - Comer ferro assim já ferruga na gente por dentro.

ZEPERINO - Claro que dá. Pode dar até sapinho na barriga.

BELARMINO - Credo!

ZEPERINO - Olha! Tem um chapéu ali no chão.



VALDEVINO - Deve ser dôle. (Põe na cabeça de Don Chicote) Um. !

BELEMINO - Gente !

VALDEVINO - A armadura assim. (D. Chicote segura o chapéu e corre para junto de Zé)

BELEMINO - E o chapéu também.

ZEFERINO - Você sentiu um ventinho ?

VALDEVINO - Um ventinho que passou por aqui, psst ? Assim ?

ZEFERINO - Foi.

VALDEVINO - Eu senti.

BELEMINO - Eu também.

ZEFERINO - Quem será ?

VALDEVINO - Não sei. Vamos procurar o que é ?

ZEFERINO - Vamos. (Saem os três)

DON CHICOTE - Foram embora.

ZÉ CHUPANÇA - Uf ! Estamos livres dos Centauros.

DON CHICOTE - Nunca vi Centauros assim.

ZÉ CHUPANÇA - Assim tão perfeitos ?

DON CHICOTE - Centauros são seres fabulosos, que galopam pelos campos, cheios de vida e movimento.

ZÉ CHUPANÇA - E esses não são assim ?

DON CHICOTE - Esses parecem três patetas.

ZÉ CHUPANÇA - Mas tinham corpo e cara de centauros.

DON CHICOTE - Pra Centauros desses, não precisava de chapéu de gigante. Bastava um ataque, de lança ou punho, e eles fugiriam como labras. Assim ! (Finge que ataca de lança em ziste Zeferino, Valdevino e Belamino, que vêm entrando com seu aspecto normal, levam enormes apito).

ZEFERINO - Me acudam !

VALDEVINO - Socorro !

BELEMINO - Vire esse espeto para lá !

DON CHICOTE - Quem são vocês ?

ZEFERINO - Somos gente pobre.

BELEMINO - Eão pedimos esmolas. Somos mendigos.

ZÉ CHUPANÇA - Não vão paguem estas frentes pra vocês.

ZEFERINO - Obrigado, mocinho.

VALDEVINO - que beleza !

DON CHICOTE - Vocês escaparam dos Centauros ?

ZEFERINO - Nós fugimos deles.

BELEMINO - E estavam com muita fome.

DON CHICOTE - Jáigos mendigos. Prometo lutar por vocês. Com estas armas, arranjarai milhares de moedas de ouro. Pra vocês.

ZEFERINO - Moedas ? de ouro ?

BELEMINO - Dado ? de graga, pra nós ?

DON CHICOTE - De graga. Muitas moedas de ouro. Milhões de moedas.

ZEFERINO - Que bom !

VALDEVINO - Obrigado, seu senhor !

BELEMINO - Quantos milhões de moedas mesmo ?

DON CHICOTE - Não sei. Dez, vinte, (vinte milhões)



- BELARMINO - Quantos milhões de moedas mesmo ?
- DOM CHICOTE - Não sei. Des, vinte, trinta milhões !
- ZÉ CHUPANÇA - (que faz as contas nos dedos e revira os olhos) D. Chicote ! Dom Chicote ! Isso não dá pé, não.
- DOM CHICOTE - Por que, meu saigo ?
- ZÉ CHUPANÇA - O sr. quer ver ? Eu aprendi a fazer umas contas dessas lá na escola. (A Zefetino) - Quanta gente pobre tem nesse reino ?
- ZEFERINO - Chiii ! Esse reino aqui tem uns dez milhões de pessoas. Quase tudo é gente pobre.
- ZÉ CHUPANÇA - Tá vendo só ? Se Dom Chicote arranja esse muito mais, uns cem milhões de moedas de ouro, quantas dava pra cada um ?
- VALDEVINO - É só fazer a conta.
- DOM CHICOTE - Pra que fazer contas ? Eu jogaria tudo pelo país inteiro .
- ZÉ CHUPANÇA - Mas quanto daria mesmo ?
- ZEFERINO - Cem milhões pra dez milhões de pessoas, são... são... (faz contas nos dedos, cotilha Valdevino) - Ajuda aí, Valdevino.
- VALDEVINO - São... são...
- BELARMINO - São... isto é, quer dizer....
- ZÉ CHUPANÇA - São des moedas de ouro pra cada um.
- OS TRÊS - Isso ! Isso !
- ZÉ CHUPANÇA - Vocês ficariam ricos ?
- ZEFERINO - Com des moedas ? Bem... dava pra gente comer a vontade um mês inteiro.
- ZÉ CHUPANÇA - E depois ?
- ZEFERINO - Depois ? Depois a gente pedia escola outra vez.
- ZÉ CHUPANÇA - Tá vendo, Dom Chicote? Não dava pé mesmo.
- DOM CHICOTE - O importante não é o número de moedas pelo cada um. O importante é lutar de longa em punho e atirar moedas de ouro pelas janelas para o povo pegar nas ruas.
- ZEFERINO - A gente não pensa mais nessas moedas, Zé Chupança. Não dá certo mesmo. Mas você já quebrou o galho pra gente hoje. Essas frutas vão dar pra forrar o estômago. Obrigado, e até logo que a gente vai indo.
- VALDEVINO - Muito obrigado, Zé Chupança.
- BELARMINO - Até logo.
- ZÉ CHUPANÇA - Até logo ! (Acena para os três, juntamente com D. Chicote. Os três saem.)
- DOM CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA RECONFERAM UM VELHO, SEU FILHO E SEU NETO.
- DOM CHICOTE - Agora, Zé Chupança, vamos, toquemos para o país estranho onde acharemos a Verdade.
- ZÉ CHUPANÇA - Vamos. (Continuam a caminhar, cada qual com seu cavalo. Mais adiante, encontram um velho, apoiado em uma bengala). Dom Chicote ! Aí vem um Velho. Vamos perguntar pra ele dos meus carneiros ?
- DOM CHICOTE - (ao velho) - Meu bom amigo, viu por acaso passaram alguns gigantes carregando carneiros roubados ?
- VELHO - Não, nobre cavaleiro. Não vi gigante nenhum.
- DOM CHICOTE - Talvez umas bruxas ? Ou mágicos, ou fantasmas carregando carneiros ?



- VELHO - Não. Ninguém. Sou muito velho, quase não enxergo nada. Pergunte ao meu filho que vem logo aí atrás. (Vai sair, derruba a bengala, Zé Chupança corre e ajudá-lo). Obrigado, meu rapaz. Adeus. (sai)
- DOM BRICOTE - (ao homem que vem entrando) - Poderá o meu amigo informar se viu seres estranhos e mágicos fugindo com carneiros roubados?
- HOMEEN - Não. Nunca vi seres estranhos ou mágicos. Só li isso em livrinhos de histórias para crianças.
- ZÉ CHUPANÇA - Mas o sr. então não viu nenhum ladrão que tivesse roubado os carneiros?
- HOMEEN - Como poderia ver? Levanto muito cedo, vou trabalhar na tecelagem, fico lá o dia todo, volto à noite, no escuro. Quase não vejo minha família, como podia ver ladrões?
- ZÉ CHUPANÇA - Também não ouvi falar nada?
- HOMEEN - Não ouvi nada. Sabe, lá na tecelagem a gente não fala nada. A gente só pode trabalhar, falar não.
- ZÉ CHUPANÇA - Por que não?
- HOMEEN - O Rei não quer. A gente pode trabalhar quanto quiser, mas falar não pode.
- ZÉ CHUPANÇA - É proibido?
- HOMEEN - É. O Rei, que é dono da tecelagem, diz que falar é perder tempo. Então devemos ficar e mudos.
- ZÉ CHUPANÇA - Mas e no recreio? Na hora do lanche?
- HOMEEN - Que recreio? Na hora do lanche a gente come sanduíche cada um no seu canto. (Vai saindo) - Se quer saber alguma coisa, pergunte ao meu filho, que vem vindo aí. (sai).
- ZÉ CHUPANÇA - (ao filho que vem entrando) - Oi!
- FILHO - Olá!
- ZÉ CHUPANÇA - Você viu por acaso os ladrões que roubaram os meus carneiros?
- FILHO - Não! Fale baixo!
- ZÉ CHUPANÇA - Por que?
- FILHO - Aqui roubam tanta coisa! É bom tomar cuidado.
- ZÉ CHUPANÇA - Carneiros também?
- FILHO - Também. Trazem a lã deles e vendem.
- ZÉ CHUPANÇA - Quem faz isso?
- FILHO - Muita gente. Há uns merendores de lã que vendem pra tecelagem.
- ZÉ CHUPANÇA - A tecelagem onde o seu pai trabalha?
- FILHO - É.
- ZÉ CHUPANÇA - E o que fazem com a lã? Loupa pra gente?
- FILHO - Não. Se assim fosse! Mas não é. Agora só fazem capotes para os soldados. O nosso Rei está fazendo a guerra lá no estrangeiro, e precisa de capotes para as tropas.
- ZÉ CHUPANÇA - Capotes? Feitos com a minha lã?
- FILHO - Deve ser. A lã de muita gente já sumiu.
- ZÉ CHUPANÇA - Mas eu quero a minha lã.
- FILHO - Todo mundo quer a sua lã.
- ZÉ CHUPANÇA - Eu não tenho nada com a guerra. Quero a minha lã de volta.
- FILHO - Eu, também, não tenho nada com essa guerra. Não quero saber dela.



- ZÉ CHUPANÇA - (berrando) - Quero os meus carneiros ! E minha lã também !
- FILHO - Se você berra, eu também berra ! Fora com a guerra !
- ZÉ CHUPANÇA - Não quero ser roubado !
- FILHO - Abaixo a guerra ! (Ouve-se o ruído de passos de soldados e marcha militar).
- ZÉ CHUPANÇA - O que é isso ?
- FILHO - Os soldados ! Eles vêm para cá. Tchau ! (vai correndo)
- ONHA ONHA DOX CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA ENCONTRAM TRÊS SOLDADOS.
- ZÉ CHUPANÇA - Dox Chicote ! Me ajude ! Não quero saber de guerra e nem de nada. Quero meus carneiros, minha lã !
- DOX CHICOTE - Pois vamos procurar o responsável por tudo isso. Pelo roubo e pela guerra. (Espertiga-se) - Quando acharmos o bandido, ele vai ter de se haver comigo. Será desafiado para um combate. De peito aberto, como convém a um cavaleiro como eu. Tiro a minha lança, esporeio meu ilusão, e ataco de frente. (Põe-se a correr pela casa, galopando e dando golpes de lança) Toma, ladrão de carneiros ! Mais um, por causa da guerra ! Mais um, por enganar um garoto. E mais este, mais este, mais este ! (Novamente ruídos de tambores e marcha militar).
- ZÉ CHUPANÇA - Dox Chicote ! Dox Chicote ! Vamos embora ! (Dox Chicote não ouve, investindo de um lado para o outro. Topa com três soldados que vêm entrando, vestidos de capotes, carregando arcabuzes ou bambuzetes. Dox Chicote para, os três soldados apontam as armas, espantados.)
- DOX CHICOTE - Quem são vocês, seres estranhos ?
- 1º SOLDADO - (aos outros) - Quem será esse velhote ?
- 2º SOLDADO - Apontando pra nós essa lança.
- 3º SOLDADO - Parece enluco.
- 1º SOLDADO - E ainda metido numa armadilha. Decerto roubou de algum susto por aí.
- 2º SOLDADO - O que é que o sr. quer, hein ?
- DOX CHICOTE - Eu é que pergunto. Vocês são por acaso os responsáveis pelo roubo dos carneiros ?
- 3º SOLDADO - Hum ? O que ?
- DOX CHICOTE - Pelo roubo da lã ?
- 1º SOLDADO - Que lã é essa ?
- 2º SOLDADO - Tá Louco mesmo.
- DOX CHICOTE - São os bichos da guerra ?
- 3º SOLDADOS - Sim. Estamos na guerra.
- DOX CHICOTE - São então, os responsáveis por ela ?
- ZÉ CHUPANÇA - São apenas soldados, Dox Chicote.
- DOX CHICOTE - São vocês que deusandajam as guerras ?
- 1º SOLDADO - Nada disso.
- 2º SOLDADO - Simplesmente fazemos a guerra.
- 3º SOLDADO - Somos soldados.
- DOX CHICOTE - Ah, sim. Já compreendi. Mas por que fazem a guerra.
- 1º SOLDADO - Eu só lá por quê ?
- DOX CHICOTE - Fazem a guerra e não sabem por quê ?



- 2º SOLDADO - O Rei é que sabe.
- 1º SOLDADO - O Rei tem seus motivos. Por isso manda a gente pra guerra.
- 1º SOLDADO - Não sabemos por que.
- 2º SOLDADO - Só combatemos, mas de nada sabemos.
- DOM CHICOTE - Se vocês combatem, onde estão as lanças e os escudos ?
- 1º SOLDADO - Lança e escudo ? Isso não se usa mais, já inventaram a pólvora. Agora a gente combate com estes arcabútes.
- DOM CHICOTE - Como é isso ?
- 1º SOLDADO - Isso aqui dá tiro.
- 2º SOLDADO - A gente fica escondido...
- 1º SOLDADO - ... e atira no inimigo.
- DOM CHICOTE - Fica escondido ?
- 1º SOLDADO - É claro !
- 2º SOLDADO - É uma escondida possível.
- 1º SOLDADO - Após duas árvores. Ou uma pedra. Ou num buraco.
- DOM CHICOTE - Mas assim pode acertar nos outros. Nas mulheres, nas crianças...
- 1º SOLDADO - Melhor temquique fugir.
- DOM CHICOTE - Vocês ficam escondidos... Atiram... E não sabem quem matar ?
- 2º SOLDADO - Não sabemos.
- DOM CHICOTE - Por que não lutam de peito aberto ?
- 1º SOLDADO - Tá louco ! Assim não serve.
- 1º SOLDADO - Peito aberto toma tiro mais depressa.
- DOM CHICOTE - Nunca havia imaginado... Essa guerra... assim... Não é Para mim, não é Para
Dom Chicote Nula Mãe esse combate não serve.
- 2º SOLDADO - E agora, soldados, voltamos !
- 1º SOLDADO - Esses capotes...
- 1º SOLDADO - Que tem eles ?
- DOM CHICOTE - De onde vêm os capotes ?
- 1º SOLDADO - De alfaiate, era esse. Os bordadores trazem a lã, as flandras fazem o fio.
- 1º SOLDADO - O fio vai para a tecelagem.
- 1º SOLDADO - Lá fazem o pano. O pano vai para o alfaiate.
- 1º SOLDADO - O alfaiate faz os capotes.
- DOM CHICOTE - Mas precisa mesmo de capotes ?
- 1º SOLDADO - Claro ! Você precisa que a gente sobreviva de frio na guerra ?
- DOM CHICOTE - Sim ? Ou, não.
- 1º SOLDADO - Sim ?
- 1º SOLDADO - Vamos, agora. Na frente, ordinação, marcha ! (Marcha marchando)
- DOM CHICOTE - Esta guerra ? A gente fica escondido... Assim, duas árvores... num buraco... Lá dá o tiro, e não sabe em quem acertar !
- DOM CHICOTE - Mas precisa mesmo de bordadores ? Mas Chicote ! (Sarcástico)
- DOM CHICOTE - Sarcástico ?
- DOM CHICOTE - Eles trazem a lã. Eu posso perguntar de onde vem a lã. Eu conheço os meus capotes. Até pelo cheiro. E eles os conhecem também. Até pelo cheiro. Se eles bordarem que eu entou por parte, chegamos a bulir nos porar. Se serve aqui.

Ouvem-se balidos de carneiros. Vêm de todos os lados. Entra um homem de capa preta, ~~carro~~ ~~crusa~~ ~~a~~ ~~cena~~, Zé se aproxima, o homem foge, desconfiado. Outro homem igual, ~~crusa~~ ~~a~~ ~~cena~~, Zé Chupanga vai para ele, os balidos se acentuam, o homem foge.

Outras figuras parecidas cruzam a cena em várias direções, enquanto Zé, desorientado, corre de um lado para o outro e Dom Chicote permanece impassível, absorto. Depois os homens desaparecem. Zé Chupanga sente-se, desanimado, e canta em surdina :

ZÉ CHUPANÇA : (cantando) :

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão.
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão,
Nada é Reia nosso Senhor, senhor, senhor,
Para todos se levantar...

CENA EM QUE DOM CHICOTE E ZÉ CHUPANÇA ENCONTRAM TRÊS MERCADORES E DESCOBREM A VERDADE.

DOM CHICOTE - (que de repente se anima e salta em frente) - Não !

ZÉ CHUPANÇA - (assustado) - Que foi, Dom Chicote ?

DOM CHICOTE - Nós andamos atrás de bruxas, carneiros reais, gigantes, centauros e tudo. E no entanto...

ZÉ CHUPANÇA - Sim, Dom Chicote ?

DOM CHICOTE - Vimos procurar a Verdade tão longe. E ela estava ali, pertinho de nós. E nós não vimos !...

ZÉ CHUPANÇA - E como é que... (É interrompido pela entrada dos três personagens de capa e chapéu pretos, carregando caixas menores.)

DOM CHICOTE - Parem !

1º HOMEM - É conosco ?

DOM CHICOTE - Que estão levando aí ?

2º HOMEM - Não é carneiro, não é.

3º HOMEM - (acotovelando o segundo) - Caixa a boa, zabecil !

DOM CHICOTE - Ponham essas caixas no chão !

HOMEM - Pronto, nobre senhor. Já pusemos.

DOM CHICOTE - Abrem !

2º HOMEM - Não temos chave.

DOM CHICOTE - (arguendo a lança) - Ou abrem, ou...

3º HOMEM - Pois não, pois não, cavaleiro. Não se zangue, nós abrimos. (levantam as tampas)

1º HOMEM - Como podem ver, ô lâ.

ZÉ CHUPANÇA - Lã ! A minha lã !

2º HOMEM - Sua lã ?

3º HOMEM - Alto lá ! Esta lã é nossa.

ZÉ CHUPANÇA - Minha lã ! (Cheira) - Conheço pelo cheiro ! É minha !

1º HOMEM - Espere aí fidalgo ! Quem disse que essa lã é sua ?

ZÉ CHUPANÇA - Esses carneiros nasceram na minha casa. Criei eles todos no colo, conheço um por um, até o cheiro de cada um !

2º HOMEM - Impossível !

3º HOMEM - Mentira !

DOM CHICOTE - Ou vocês dizem quem mandou vocês roubar os carneiros, ou então vou fazer a barba de todos vocês com esta lança aqui.

- 1º HOMEM - Não, não, não roubamos. É mentira do garoto.
- 2º HOMEM - É nossa lã mesmo.
- 3º HOMEM - Nós ganhamos... quer dizer... compramos...
- DOM CHICOTE - Bem, quem vai ser o primeiro a fazer a barba? (Agarra o primeiro homem pela barba).
- 1º HOMEM - Não, não! Socorro! Não quero fazer a barba! Não!
- 2º HOMEM - Eu também não! Minha barba é muito dura!
- 3º HOMEM - É a minha pele é muito fina!
- DOM CHICOTE - Então contam a verdade!
- 1º HOMEM - (ohorengado) - Nós roubamos os carneiros!
- 2º HOMEM - Tosquíamos eles...
- 3º HOMEM - E entregamos a lã para as fiandeiras.
- 1º HOMEM - Mas não é nossa a culpa! Os carneiros estão logo ali naquele pasto.
- DOM CHICOTE - Quem mandou vocês roubar os carneiros?
- 2º HOMEM - Foi o Rei.
- CHUPANÇA - O Rei? Como pode o Rei...
- 3º HOMEM - Sim, foi ele quem mandou!
- 2ª CHUPANÇA - O Rei que tem tanto dinheiro! Por que não comprou a minha lã?
- 1º HOMEM - Porque não há dinheiro que chegue. É tanto capote pra guerra, que o dinheiro do Rei não dá pra tudo!
- 2ª CHUPANÇA - O Rei, Dom Chicote! Mas foi o Rei quem mandou a gente procurar o ladrão!
- DOM CHICOTE - Sim. Bem pra longe dele. (Vendo-se livre, os três homens saem correndo, deixando as caixas.)
- 2ª CHUPANÇA - E agora, Dom Chicote? Que fazemos? Eu posso pegar os meus carneiros e voltar pra casa. Mas o que é que a gente vai explicar pro Rei?
- DOM CHICOTE - Explicar? O Rei não precisa de explicação. Precisa de castigo.
- 2ª CHUPANÇA - Castigo pro Rei? Que é que a gente pode...
- DOM CHICOTE - Eu, Dom Chicote Nula Marca, não posso deixar o caso assim! Vou desafiar esse Rei. Ele terá de tomar uma lança e me acudir, e lutar comigo. No campo real, de peito aberto.
- 2ª CHUPANÇA - É o Rei, Dom Chicote? A gente não pode lutar contra o Rei!
- DOM CHICOTE - Ele terá de pagar por tudo. Crime é crime. De um Rei ou de um mendigo. Eu, sus, Ilusão! Avante! Ao palácio do Rei!
- 2ª CHUPANÇA - Dom Chicote! Dom Chicote! O Rei é muito poderoso, e sr. não pode com ele! Dom Chicote!
- DOM CHICOTE - Meu jovem amigo, quem se entra nas lutas que tem certeza de ganhar, é um covarde.
- 2ª CHUPANÇA - Mas Dom Chicote...
- DOM CHICOTE - Dom Chicote Nula Marca não é um covarde! Pode lutar contra um espantalho, um gigante ou um Rei. Vamos Ilusão, ao encontro do Sus!
- 2ª CHUPANÇA - Dom Chicote! Espere um pouco, Dom Chicote!
- DOM CHICOTE - O tempo vos. Vamos com ele também. Sus, Ilusão! Fogo nos cascos! (Ife se a galopar em torno da cena).
- 2ª CHUPANÇA - Ele espere, Dom Chicote! Vamos Ilusão! Vamos atrás deles. Depressa!



DON CHICOTE - Fogo nos cascos à do palácio!

CENA DA VOLTA DE DON CHICOTE AO PALÁCIO DO REI, E A BERRANÇA QUE O CAVALEIRO DEIXA NAS MÃOS DE ZÉ CHUPANÇA.

[Ruídos e tropeço de cascos de cavalo. A voz de D. Chicote ameaça o Rei, enquanto Zé Chupança chama constantemente por ele. Depois, gritos de guardas, ruído de luta, sempre com Zé Chupança chamando, como fundo. A voz indignada e tonitruante do Rei se sobrepõe a tudo.]

REI - Que audácia! Que atrevimento! Só pode ser coisa de um louco! Vir ao Palácio me acusar e me desafiar! A mim, o Rei! Não sou por acaso o dono de tudo aqui! E se preciso de lâ para a guerra, não é dever de meus súditos darem o que tiverem? Guardas! Atirem esse doido lá fora. E que não volte (mais) nunca mais a este país!

[Ruídos de portas que se abrem, dois guardas e o Secretário arrastam D. Chicote e o atiram ao chão. D. Chicote está sem fúria, sem o elmo e sem armas. Cai nos pés de Zé Chupança, que acaba de chegar à porta do Palácio.]

1ª GUARDA - Você ouviu o que o Rei disse, não ouviu?

2ª GUARDA - Se voltar por aqui, toma uns tiros, pra começar.

1ª GUARDA - E leve embora esse varapau. (Atira a lança quebrada em dois sobre D. Chicote) E essa bacía (também) enferrujada também. (Joga o escudo).

DON CHICOTE - Por que isso tudo comigo? Eu apenas procurei a Verdade.

SECRETÁRIO - A verdade? Quanto menos procurar, melhor.

DON CHICOTE - Não fiz mal a ninguém.

SECRETÁRIO - Não? Então ouça isto. (Desenrola um papel e lê): Don Chicote Mala Manca é acusado de ameaçar a vida das pobres fiandeiras, é acusado de enfurecer os touros de S. Magestade, de perseguir ospentelhos nos campos, de atrapalhar a vida dos mendigos do Reino, de ameaçar com armas os honestos mercadores, de pôr dúvidas nas orelhas dos soldados e, finalmente, de invadir o Palácio do Rei e fazer acusações maldosas ao nosso querido monarca. Acha pouco tudo isso?

DON CHICOTE - Mas... eu...

SECRETÁRIO - Fora daí já!

DON CHICOTE - Deixe eu...

GUARDAS - Fora daqui! Fora! (Secretário e Guardas viram as costas e saem. Zé Chupança corre e ergue D. Chicote.)

ZÉ CHUPANÇA - Está machucado, Don Chicote? Não quebrou nada, não? Está doendo alguma coisa?

DON CHICOTE - Não foi nada, não.

ZÉ CHUPANÇA - Ainda bem. Eu fiquei assustado.

DON CHICOTE - Depois de tudo o que aconteceu, aprendi que nada posso sozinho contra o Rei.

ZÉ CHUPANÇA - Não faz mal, Don Chicote. Já sabemos os caminhos e a lâ.

DON CHICOTE - E com isso achamos a Verdade, Zé Chupança. A sua metade da meada.

ZÉ CHUPANÇA - Isso comar, então?

DON CHICOTE - Não.

ZÉ CHUPANÇA - Obrigado. (Cocupa a doverar a metade da meada.) E a sua metade?



- DOM CHICOTE - A minha?... Acho que estou muito velho e cansado e cansado para fazer justiça...
- ZÉ CHUPANÇA - O ar. pode descansar bastante.
- DOM CHICOTE - Se eu tivesse derrotado o Rei num combate, não teria adiantado nada.
- ZÉ CHUPANÇA - Nada ?
- DOM CHICOTE - Eles poriam logo outro Rei no lugar dais.
- ZÉ CHUPANÇA - Isso é verdade, sim.
- DOM CHICOTE - Sabe, Zé Chupança, você é jovem: tem muito tempo pela frente. Tome esta minha metade da moça. Ela fica sendo sua.
- ZÉ CHUPANÇA - Ira má ?
- DOM CHICOTE - É. Você fará justiça um dia. Eu não posso mais. Agora, adeus !
- ZÉ CHUPANÇA - Na e, Dom Chicote, ou...
- DOM CHICOTE - Não se esqueça, Zé Chupança. Adeus ! (Vai se afastando)
- ZÉ CHUPANÇA - Dom Chicote ! Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Adeus !
- ZÉ CHUPANÇA - Não vá embora, Dom Chicote !
- DOM CHICOTE - Não continuaremos amigos. Mas não se esqueça ! A Verdade e a Justiça !
- ZÉ CHUPANÇA - Não esquecerei..
- DOM CHICOTE - Adeus ! Até um dia !
- ZÉ CHUPANÇA - (baixinho) Até um dia ! Adeus ! Não esquecerei ! (Dom Chicote acena e sai.)

F I M